

IMBRIZI, Jaquelina Maria; MARTINS, Eduardo de Carvalho (2016)



INTERFACE
ISSN 2448-2064



155

A velhice e o direito à cidade: uma experiência de estágio na Universidade Federal de São Paulo – Baixada Santista

La vejez y el derecho a la ciudad: una experiencia de pasantía en la Universidad Federal de São Paulo – Baixada Santista, São Paulo, Brasil

Jaquelina Maria Imbrizi¹

Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista
jaque.imbrizi@gmail.com

Eduardo de Carvalho Martins²

Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista
martins21@unifesp.br

RESUMO: Qual é o lugar da velhice nas cidades? Ao contrário das perspectivas que associam processo de envelhecimento, isolamento e solidão, defendemos que a população idosa deva se apropriar dos mais variados espaços urbanos. Este artigo tem por objetivo analisar os desdobramentos das atividades desenvolvidas em 2014 e 2015, vinculadas ao convênio de estágio entre a Universidade Federal de São Paulo – Baixada Santista e o Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Santos, de modo a discuti-las a partir da valorização de uma proposta de intervenção na cidade. Os resultados apontam para a importância do usufruto das atividades culturais na região da Baixada Santista por esta população. As principais atividades desenvolvidas foram: visita aos pontos culturais da cidade de Santos e região a partir da construção de um mapeamento; produção de narrativas de histórias de vida; realização de oficinas de arte; criação de um grupo com o tema “projetos de vida”; realização do evento “café da manhã”. Na contracorrente de uma proposta mais introspeccionista, que privilegia a busca de uma verdade no interior do sujeito, os estagiários foram convidados a colocar em prática um exercício peripatético que considera o laço social no território. Conclui-se que o lugar da velhice é o de pensar e exercitar o seu direito à cidade.

Palavras-chave: aposentadoria; envelhecimento; oficinas de arte; espaços urbanos; o direito à cidade.

RESUMEN: ¿Cuál es el lugar de la vejez en las ciudades? Se argumenta que los ancianos pueden apropiarse de los diversos espacios urbanos, a diferencia de las perspectivas que asocian proceso de envejecimiento, aislamiento y soledad. Este artículo tiene como objetivo analizar los desdoblamientos de las actividades desarrolladas en 2014 y 2015, vinculadas al convenio de pasantía entre la UNIFESP (Universidad Federal de São Paulo – Baixada Santista, São Paulo, Brasil) y el Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Santos, de manera a discutir las a partir de la valorización de una propuesta de intervención en la ciudad. Los resultados

¹ Profa. Dra. do curso de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista..

² Psicólogo do curso de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista. Prof. Dr. do curso de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal de São Carlos..

demuestran la importancia para esta población de la práctica de actividades culturales en la región Baixada Santista. Las principales actividades desarrolladas fueron: visitas a lugares de interés cultural en la ciudad de Santos y de la región a partir de la realización de un mapa; producción de narrativas de historias de vida; realización de talleres de arte; creación de un grupo con el tema "proyectos de vida"; realización del evento "Desayuno". Se invitó a los participantes a poner en marcha un ejercicio itinerante que tiene en cuenta el vínculo social en el territorio, en sentido opuesto a una propuesta más introspeccionista, que privilegia la búsqueda de la verdad en el interior del sujeto. Se concluye que el lugar de la vejez es pensar y ejercer su derecho a la ciudad.

Palabras clave: jubilación; envejecimiento; talleres de arte; espacios urbanos; el derecho a la ciudad.

INTRODUÇÃO, OBJETIVOS E METODOLOGIA

Por vivermos numa sociedade capitalista, usualmente acabamos sendo identificados e valorizados única e exclusivamente em função daquilo que produzimos. Essa “ideologia voraz do lucro e da eficácia” (BOSI, 1997, p. 76) acaba sendo capaz de guiar de tal modo a vida dos sujeitos que o *trabalho* se configura como o constituidor hegemônico da identidade das pessoas, atrelando-se à e, muitas vezes, limitando a forma como os sujeitos lidam com seus interesses em suas vidas. Nessa lógica do trabalho com papel de referência identitária central, o período da aposentadoria pode envolver muitas contradições, representando muito mais do que a simples perda de um lugar no mercado de trabalho ou o período de merecido descanso e usufruto do tempo livre. Sendo assim, esse período pode significar um marco crítico na história do sujeito recém-aposentado:

Durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos [...] Mas, pondera Simone de Beauvoir, se o trabalhador aposentado se desespera com a falta de sentido da vida presente, é porque todo o sentido de sua vida lhe foi roubado (BOSI, 1997, p. 80).

Diante dessa realidade, podemos notar duas, entre outras, formas distintas de agir: por um lado, o aposentado, ao perder toda uma dimensão de sua vida que envolvia os hábitos, as relações e o cotidiano relacionados ao trabalho, isola-se do mundo e se enxerga em desamparo, como alguém sem finalidade de viver; por outro lado, pode surgir no sujeito um anseio por uma aposentadoria ativa, na qual ele poderia experimentar algo do que denominamos aqui como "bela velhice" (BEAUVOIR, 1990; GOLDENBERG, 2013). Nesta perspectiva, o processo de envelhecimento poderia ser entendido como uma possibilidade de cada sujeito dispor melhor de seu acréscimo de tempo livre, permitindo usufruir com mais autonomia das produções culturais e artísticas que acontecem em seu contexto sociocultural e, conseqüentemente, conquistando melhores condições de vida.

Tendo em vista o referido cenário, consideramos importante o incentivo às práticas que visem contribuir para que o aposentado possa elaborar seus próprios projetos de vida, favorecendo vivências dessa sua nova situação de modo menos vinculado às exigências produtivistas e mais atreladas à fruição do tempo livre, de acordo com seus desejos e aptidões pessoais. Um possível desdobramento deste movimento é o de que tais práticas possam aflorar potências criadoras até então adormecidas ou não desenvolvidas em decorrência das incessantes exigências do mercado de trabalho. É com a intenção de valorizar as potencialidades inventivas dos idosos que em março de 2014 tiveram início as atividades de estágio dos estudantes do curso de Psicologia da Unifesp – Universidade Federal de São

Paulo – campus Baixada Santista, no Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Santos (Sindserv).

O Sindserv foi fundado em 17 de outubro de 1988, com a missão de lutar pela defesa e ampliação dos direitos dos trabalhadores, apostando na representatividade classista da categoria. Ele possui duas grandes e principais lutas: 1) campanha salarial e 2) melhoria das condições de trabalho. Segundo dados do sindicato em 2014, do total de seus associados, 1.229 eram aposentados, sendo 847 mulheres e 382 homens. A faixa etária predominante variava entre 60 e 69 anos no público feminino e entre 70 e 79 anos no público masculino.

O convênio de estágio proposto previu a criação conjunta de atividades com os aposentados deste sindicato, e seu principal objetivo foi contribuir para a promoção das mais variadas formas de fruição do tempo livre. Assim, procurou promover a autonomia e os modos singulares que cada participante encontra para lidar com o cuidado de si, considerando também a dimensão de sua relação com o outro. Tais práticas foram elaboradas em um contexto transdisciplinar e peripatético que pensa a saúde física e mental em suas mais variadas dimensões: pedagógicas, políticas, terapêuticas, entre outras. O eixo articulador da proposta se deu através de visitas aos pontos culturais da cidade de Santos e região, como também por intermédio da oferta de espaços de discussão em grupo e de oficinas de atividades artísticas.

O projeto de estágio em questão foi intitulado *A arte como fato da cultura: a produção de tecnologias afirmativas, criativas e participativas no cuidado entre sujeitos* (IMBRIZI, 2014); seu objetivo foi o de ofertar um espaço de formação no qual os (as) estudantes pudessem analisar e intervir nas relações do sujeito com a sociedade e a cultura, por meio de atividades socioeducativas e de cuidado em saúde. A produção e apreciação estética foram priorizadas nas intervenções, seja por meio da produção e oferta de oficinas, seja através das visitas aos pontos culturais da cidade. Trata-se da aposta no exercício de uma prática que valoriza a experiência e a singularidade do sujeito em sua cultura, visando contribuir para a produção de um modo de vida mais criativo e inventivo. Neste sentido, estamos compreendendo a arte como manifestação cultural e como um fato de cultura que pode produzir efeitos nos sujeitos, contribuindo para problematizar modos hegemônicos de existência. Interessa-nos articular áreas diversas de produção de conhecimentos que visem valorizar os processos criativos e autonomia dos sujeitos. O presente projeto de estágio partiu, portanto, do princípio de que o contato com as artes e com as produções culturais têm a potência de mobilizar os sujeitos e pode contribuir para a emergência de subjetividades mais implicadas e autônomas em relação a seus próprios modos de existência no mundo. O projeto também busca suscitar sensibilidades que viabilizem a convivência com o diferente e com a desterritorialização – e, por que não dizer, descolonização – de saberes.

Os objetivos específicos do estágio podem ser resumidos em: promover um espaço de estudo, pesquisa e análise das formas de lidar com o sofrimento, os modos de agir e reagir do aposentado – que fora do mercado de trabalho muitas vezes não cria alternativas e projetos de vida nos quais o acesso aos bens culturais seja importante fator na produção de saúde; criar estratégias de escuta e de produção de cuidado para um tipo de sofrimento que se expressa individualmente, mas é produzido coletivamente, dentre os quais: isolamento, humilhação, vergonha, não reconhecimento, preconceito; privilegiar as relações entre estética, política, cidadania e direitos; produzir uma escuta que se aproxime de uma prática psicanalítica clínico política (ROSA, 2012); oferecer espaços de coordenação de grupo com o objetivo de construção de projetos de vida.

Durante o ano de 2014, três estudantes do quarto ano do curso de Psicologia desenvolveram essas atividades; no ano de 2015, seis estagiários estiveram à frente desta

proposta, sendo quatro do quarto ano e dois do quinto ano; no ano de 2016, três alunos do quarto ano iniciaram as atividades no mês de março.

Este artigo tem por objetivo apresentar as atividades desenvolvidas nos dois anos de existência do convênio de estágio, 2014 e 2015, de modo a discuti-las e analisá-las a partir da valorização de uma proposta de intervenção na cidade que tem produzido efeitos na contracorrente de certa tendência de isolamento dos idosos. Tais interferências apostam na importância do usufruto dos espaços públicos e culturais da região da Baixada Santista por esta população. Foram realizadas propostas de trabalho com o grupo de idosos e as principais atividades desenvolvidas foram: mapeamento das atividades artísticas da Baixada Santista e visitas aos pontos culturais; produção de narrativas de histórias de vida (LEMES; SANTOS; NAGAISHI, 2014); realização de oficinas que privilegiam o uso da arte; criação de um grupo com o tema “projetos de vida” (ZANGRANDO; PEREIRA, 2015); realização do evento “café da manhã”.

RESULTADOS

1. Mapeamento das atividades artísticas da Baixada Santista e visitas aos pontos culturais

Na experiência com o grupo de aposentados, pudemos perceber, no início do trabalho, a difusão de uma ideia bastante comum, explícita e implícita, por parte dos participantes: a de que a velhice e a aposentadoria vêm acompanhadas de um estágio de “preparação para a morte”. Entendida a velhice nesta ótica, restaria ao idoso a postura de resignação diante de seu inexorável destino, adotando uma condição de passividade ou até mesmo de resistência frente à possibilidade de novas vivências e de abertura a novas experiências subjetivas. A crescente fragilidade física e suposta aproximação com a morte podem muitas vezes culminar em uma defesa expressa pela antecipação simbólica da ulterior condição de inatividade, imaginariamente vivenciada. Embora a certeza da morte seja uma condição inerente à vida, o contato com o real da finitude tem usualmente o poder de acionar angústias e, conseqüentemente, reações ambivalentes para lidar com elas: negação inconsciente do real da morte, resultando em posturas onipotentes e narcísicas, ou antecipação imaginária, decorrendo em posturas de passividade. A morte, entendida deste modo em uma conotação puramente negativa, se anteciparia e desempenharia um papel de progressiva impotência no sujeito, resultando em posturas de paralisia e imobilidade.

Na contramão dessa concepção de velhice como preparação para a morte, foram propostos encontros semanais entre os estagiários e os idosos com a sugestão inicial de visita aos diversos pontos de cultura e lazer da cidade, tais como: museus, parques, cinemas, teatros, universidades, sindicatos, pontos turísticos diversos (aquário, zoológico, bondes, mirantes, ilhas, entre outros). Daí surgiu a ideia de um mapeamento dos pontos culturais de Santos e região.

A produção de um mapa dos pontos culturais teve como princípio o favorecimento do acesso da população idosa e aposentada às informações sobre as atividades artísticas e manifestações culturais que acontecem na cidade. O primeiro mapeamento foi realizado pelos estudantes de 2014, sendo ampliado no ano de 2015, com o acréscimo de novas atividades culturais, sendo esta uma tarefa dinâmica, dada a freqüente abertura e fechamento das atividades e dispositivos culturais, exigindo a pesquisa constante sobre estes espaços. Os estagiários elencaram mais de cinquenta pontos culturais da cidade, entre eles: Aquário de

Santos; Cine Arte Posto 4; Gibiteca Posto 5; Museus do Mar, da Pesca, de Arte Sacra e Imagem e Som; Casa da Frontaria Azulejada; Orquidário de Santos; Pinacoteca Benedito Calixto; Sesc; Centros de Convivência; Orquidário; Bibliotecas; Teatros; etc. Depois de produzido o mapa, cada estagiário desenvolveu pesquisas sobre a contextualização histórica de cada ponto de cultura e o tipo de política pública e cultural que possibilitou que ele fosse criado ou tombado. O mapa foi apresentado aos aposentados, que puderam escolher participativamente os locais a serem visitados durante o ano, bem como propor novos espaços, valorizando a participação de todos no processo de planejamento das atividades.

Tal proposta se consolidou como o ponto de partida metodológico a partir do qual os estagiários trabalharam conteúdos trazidos pelos participantes dentro de uma abordagem interdisciplinar e participativa; ou seja, além dos conteúdos específicos abordados em cada visita, diversos outros aspectos relativos aos objetivos mais amplos do projeto foram resgatados, como, por exemplo, o favorecimento de múltiplos vínculos durante as atividades: espaços de trocas afetivas entre os participantes idosos, propiciando ampliação da rede de contatos e compartilhamento de referências culturais intrageracionais; laços entre cada participante e os dispositivos culturais da cidade, favorecendo o reconhecimento das potências inventivas de seus próprios territórios, bem como a ampliação e diversificação dos olhares sobre a cidade em que vivem e seus múltiplos dispositivos; vínculos entre os idosos e os estagiários, produzindo a convivência e a troca intergeracional e intercultural, bem como o aprofundamento em temáticas de interesse compartilhado através do usufruto do ambiente universitário; diálogo entre a instituição sindical e seus associados, favorecendo a interlocução, representatividade e maior participação em defesa dos próprios direitos; formação de um grupo com identidade própria, por meio do incentivo à construção de atividades autogestionárias, contando com a progressiva participação de todos os envolvidos na preparação, elaboração, confecção e avaliação das atividades.

As visitas contaram com a participação efetiva de um grupo crescente³ de aposentados e idosos, sendo trabalhados diversos temas demandados pelos aposentados, pelos estagiários ou pelas instituições parceiras do projeto. Dentre as mais de 40 atividades realizadas, alguns exemplos de visitas relevantes podem ser citados:

- *Casa da Frontaria Azulejada*. Além de aprender mais sobre aspectos históricos deste importante monumento tombado da cidade de Santos, os participantes tiveram acesso à exposição sobre a *Dengue*, permitindo esclarecer muitas dúvidas sobre a doença, suas formas de prevenção e tratamento com a monitoria local.

- Exposição de fotografias na Universidade Federal de São Paulo. Tal atividade permitiu aprofundar os vínculos intergeracionais entre os estagiários e os aposentados, dado que possibilitou a estes entrar em contato com parte do cotidiano vivido pelos estagiários na Universidade. O tema da interculturalidade foi abordado por meio da visita à exposição de fotografias da China e Índia, cuja curadoria e autoria eram de uma das estagiárias. Além destes aspectos, o grupo também promoveu o incentivo à elaboração de atividades em que os próprios participantes fossem os protagonistas das propostas estéticas, como no caso em questão.

- Museu de Arte Sacra. Por meio da monitoria agendada no local, foram trazidos muitos elementos históricos da cidade de Santos – arquitetônicos, religiosos, gastronômicos, entre outros –, permitindo relacioná-los com a história particular de cada integrante. A visita permitiu elaborações em torno da importância dos diferentes modos de apropriação da história e sua relação com os processos de constituição subjetiva de cada aposentado.

³ As atividades se iniciaram com um grupo de aproximadamente cinco participantes, que se ampliou progressivamente para mais de trinta em 2015.

2. Produção de narrativas de história de vida

Entre as atividades do ano de 2014, os estagiários produziram narrativas de história de vida dos idosos vinculados ao Sindserv. Dessa forma, eles buscaram cartografar o processo de criação e invenção dos modos de existência destes sujeitos. Hack, Ranieri e Maraschin (2013), interessados nas pesquisas que cartografam os processos de criação, afirmam que é necessário priorizar a elaboração de perguntas que acompanhem um processo e que por isso, devem estar pautadas pelo *know-how*. Ao pensar sobre o como é o seu fazer cotidiano, o narrador ressignifica a sua história e exercita a autorreflexão implicada no ato de narrar:

Quando o indivíduo é chamado a falar ou escrever sobre sua própria vida, isso favorece a compreensão de uma pessoa com seu contexto social e histórico. O relato autobiográfico significa o processo de contar a história da sua própria vida, e esse exercício de escrita possibilita uma reapropriação dos acontecimentos significativos de sua trajetória, ressignificando seu percurso, suas escolhas e seus propósitos, num processo autorreflexivo. (SILVA; JUNQUEIRA, 2013, p. 562).

Assim, num processo de valorização da escuta e do respeito às singularidades, entramos em contato com a história de vida dos onze aposentados voluntários, com a posterior organização, em formato de livro, dos conteúdos das narrativas que evidenciaram suas trajetórias singulares. Em tais trajetórias emergiram os aspectos relativos ao *trabalho* e a *manifestações artísticas e culturais*. Deste modo, pode-se verificar o quanto estas atividades estiveram e estão presentes, em maior ou menor grau, nas vidas desses aposentados: foram relatadas desde relações mais ativas com a arte e a cultura, com os sujeitos produzindo e/ou expressando-se por meio delas, até a relação menos ativas, mas não menos importantes, de contemplação ou de reconhecimento com base em expressões culturais diversas (LEMES; SANTOS; NAGAISHI, 2014).

3. Realização de oficinas que privilegiam o uso da arte

Nos dois anos de existência deste convênio de estágio, foi utilizado tanto o espaço da universidade quanto as salas do sindicato para realizar as oficinas de arte com os aposentados. A cada mês foram realizadas de uma a duas oficinas. Estas eram conduzidas pelos próprios estagiários, pelos aposentados ou por convidados externos ao grupo. Houve, assim, revezamento entre as atividades internas, que são as oficinas, e as atividades externas, que se referem às visitas aos pontos culturais da cidade. No total foram oferecidas mais de dez oficinas por ano. Houve diversidade de proposta, tais quais: oficinas de teatro, culinária, tsuru, imagens e fotografia, música, cinema e artes plásticas. Para a realização desta última escolhemos a obra do artista polonês Roman Opalka (1931-2011) que, preocupado com a passagem do tempo, decidiu realizar um trabalho que se resumia em tirar uma foto por dia, de si mesmo, até sua morte. O que se apresenta é um acervo de várias imagens nas quais o artista vai visivelmente envelhecendo e as marcas da passagem do tempo em seu rosto ficando explícitas. O impacto desta atividade foi grande nos idosos, impressionados com as mudanças de expressão e marcas no rosto do artista, cada vez mais grisalho e com a pele do rosto enrugada. Assim, a arte foi utilizada como um disparador do tipo de discussão que se queria imprimir nas atividades. No exemplo em questão, a obra de Opalka retoma as questões da finitude da vida que tanto preocupavam os nossos idosos. Neste sentido, a arte pode ser

compreendida como um artifício que favorece a convivência entre as pessoas e facilita que o indizível possa se transformar em palavras ditas no grupo.

O trabalho com oficinas também se refere a uma opção política em nossa forma de intervir na realidade; ao invés de atividades prescritivas e de palestras, nas quais os papéis estão definidos e hierarquicamente delimitados entre estudantes, profissionais e usuários dos equipamentos, os estagiários foram incentivados a criarem e inventarem dispositivos nos quais estes papéis são embaralhados. Esta proposição favorece a desconstrução da hierarquia nas relações de cuidado em saúde e educação, potencializando a troca de experiências e a criação de novas pedagogias, estratégias de vida e cuidados de si. Nestas propostas, o espaço está aberto a todos os participantes de modo a não impedir as contradições e os conflitos, bem como propiciar o ato criativo que emerge das singularidades no coletivo. Neste sentido, a presente prática é vinculada às intervenções grupais potencializadoras de ações que apostam em experiências nas quais o exercício da criatividade seja importante fator para a promoção de saúde e a produção de vida. Em síntese, as oficinas e os grupos são compreendidos como dispositivos que, por intermédio da imprevisibilidade e efemeridade dos encontros, possam contribuir para a produção de subjetividades e novos modos de vida.

4. Criação de um grupo com o tema “projetos de vida”

Um dos desdobramentos das oficinas e visitas realizadas em 2014 e 2015 foi a criação de um grupo de atividades no segundo semestre de 2015, denominado *Projetos de Vida*, cujo objetivo inicial foi o de discutir o tema da “bela velhice” (BEAUVOIR, 1990; GOLDENBERG, 2013). Vinculado à proposta do estágio profissionalizante, direcionado aos estagiários do quinto ano do curso, foi possível ofertar um grupo de discussão para os aposentados do Sindserv e para os egressos da Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI) da universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista (ZANGRANDO; PEREIRA, 2015).

Ao grupo foi oferecida a seguinte proposta: a construção de um projeto de vida por cada participante, no intuito de valorizar aspectos, tais como: a liberdade e autonomia, o uso do tempo livre, as concepções de futuro, o exercício da criatividade, o contato com as produções culturais e artísticas e o desejo de participar de projetos coletivos. A intenção da proposição deste grupo foi abrir um espaço para uma escuta diferenciada que auxiliasse esse público a compartilhar a experiência do processo de envelhecimento e da situação da aposentadoria nas configurações sócio-históricas do Brasil. Ele teve também por objetivo vislumbrar os projetos de vida e desconstruir algumas expectativas sociais sobre o idoso, que, muitas vezes, estão ligadas ao isolamento social e à lentidão dos gestos e palavras frente a uma cultura de aceleração do tempo histórico e às exigências do aumento da produtividade a todo e qualquer custo. Na direção contrária dessas expectativas, os idosos foram convidados a produzir projetos de vida que articulassem suas experiências vividas com perspectivas que buscassem transcender individualismos em direção a propostas com significações compartilhadas, sendo incitados a desbravar novos horizontes da articulação entre projetos pessoais e contextos histórico-culturais.

Outro importante fator para a criação do grupo *Projetos de Vida* foi a possibilidade de troca intergeracional entre os estagiários responsáveis pela coordenação e as idosas participantes do grupo. Alguns autores, como Silva e Junqueira (2013, p. 560), por exemplo, enfatizam a importância de as relações entre as gerações serem favorecidas com base em princípios relacionados ao respeito às diferenças, solidariedade e troca de experiências. As

autoras identificaram que propostas visando atividades intergeracionais são escassas na realidade brasileira, indicando a pertinência em relação às iniciativas que estimulem tais configurações intersubjetivas. Ademais, a proposta desta atividade estava estreitamente vinculada aos objetivos do estágio, que foi a de produzir a aproximação entre a população idosa, cada vez mais numerosa em nossa sociedade, e os futuros profissionais de Psicologia; os estagiários tiveram a oportunidade de exercitar a escuta sobre a dimensão ética do sofrimento sócio-político, no caso em questão, sobre os possíveis impactos do processo de envelhecimento nas diferentes constituições subjetivas.

Essa escuta foi o principal instrumento para a organização desse grupo, permitindo criar um importante espaço de cuidado e de conversação sobre temáticas que auxiliaram no apoio às situações concretas vivenciadas pela população idosa. A pertinência de tal método é defendida também por Galvanese *et al* (2014, p.133), enquanto afirmam que a experiência humana se processa através do “conversar, num entrelaçamento entre o linguajar e o se emocionar”, considerando a cultura como “uma rede fechada de conversações e que as mudanças culturais acontecem quando se produzem modificações nessas conversas”. Tomamos, portanto, o engajamento na escuta diferenciada, agregada à vivência cultural, como objetivo norteador para o desenvolvimento do estágio e da manutenção dos grupos.

Outro objetivo importante considerado é o de que o grupo *Projetos de Vida* pudesse contribuir para o estímulo ao exercício de dar voz aos aposentados e idosos, para que estes possam ampliar seus repertórios de socialização e implicação subjetiva diante de seus respectivos contextos socioculturais. O projeto visou também auxiliar o desenvolvimento nos estagiários do exercício de uma prática psicanalítica clínico-política, que se refere à oferta de uma escuta como testemunho e resgate da memória, permitindo romper barreiras e resgatar a experiência compartilhada com o outro: “Escuta em que se utiliza a presença e a palavra. Presença em que o analista é convocado a suportar e servir de mola ao relançamento das significações. Nesse sentido, ressaltamos que a ‘presença da palavra’ se suporta pela ‘presença do analista’” (ROSA, 2012, p. 36).

Essa abertura de espaço para a escuta foi priorizada na atuação dos estagiários em processo de profissionalização com auxílio do psicólogo e da supervisora. Partimos do princípio que o dar voz ao sujeito é possibilitar que ele retome e reconheça o seu papel nos laços sociais, para que possa compartilhar suas vivências através do grupo de modo implicado e, portanto, desejante. Rosa (2012, p.37) aponta que para recompor um lugar discursivo, para que se faça laço social, é preciso romper com o lugar alienado instituído pelo discurso ideológico. À luz dessas ideias, procuramos analisar como os idosos enfrentam seu processo de envelhecimento e identificam seu lugar na cultura brasileira ou, mais pontualmente, na cultura santista. Analisamos as peculiaridades das estruturas familiares, redes de apoio, suporte e sociabilidade disponíveis para cada um dos idosos. Goldenberg (2013) ressalta a importância de considerarmos as singularidades dos significados atribuídos à vida e à experiência de cada um, de modo a buscar a criação de um projeto mais amplo. A amplitude do projeto de vida, neste sentido, se relaciona estreitamente com os movimentos de articulação entre as singularidades e as questões culturais, sociais e políticas:

As particularidades de cada um, principalmente de seus valores, é que definem o sentido de cada vida. O significado pode ser encontrado de diferentes maneiras: no trabalho ou na criação, no amor e também na atitude que se tem em relação ao sofrimento inevitável (GOLDENBERG, 2013, p. 36).

De acordo com Goldenberg (2013), para cada pessoa singular existe uma “bela velhice” também singular. Porém, é necessário atentar para os laços sociais na base da

constituição destas respectivas singularidades a fim de alcançar algum tipo de transcendência que permita conciliar singularidade com sociabilidade e permita distinguir individualidade de individualismo. Em virtude da promoção das singularidades, a autora defende não ser possível adotar algo como um modelo de “bela velhice”, ou seja, esta estaria localizada mais no registro da criação de si do que na reprodução de um ideal a ser atingido. A antropóloga ainda indica diversos relatos de projetos de vida iniciados por pessoas em idade avançada, bem como a contrapartida do sentimento de tristeza por aqueles que não conseguem realizar um projeto que dê sentido à vida:

A ideia muito presente - “pena que só descobri isso tão tarde” - revela a frustração por não terem aproveitado plenamente a vida como poderiam se tivessem, quando mais jovens, exercido a liberdade e respeitado a própria vontade (GOLDENBERG, 2013, p. 72).

As atividades desenvolvidas pelos estagiários possibilitaram a emergência de espaços de escuta, dando voz aos sujeitos e valorizando os seus respectivos pertencimentos nos laços sociais em que cada um vive e se constitui. O trabalho propiciou a construção dos projetos de vida implicados no processo de envelhecimento de cada um, dando espaço para encontros mobilizadores desta quebra de estigmas e preconceitos em relação à velhice presentes na nossa cultura.

5. Realização do evento “café da manhã”

O evento café da manhã, promovido e organizado pelo Sindserv, ocorre como momento de encontro da equipe do sindicato com os aposentados e dos aposentados entre si. Ele acontece duas vezes por ano em média e conta com a participação de aproximadamente 300 aposentados do sindicato. Como conta com a realização de várias atividades, foi pensado também como um importante momento de interação dos estagiários com os aposentados.

Nos eventos foram programadas atividades de interação entre os aposentados, contando com a participação de docentes, dos estagiários e de convidados “externos”. Nas atividades de 2014, por exemplo, houve a apresentação do grupo “Cantoras do Rádio”, que convida as idosas e os idosos para dublarem e incorporarem antigos cantores de rádios brasileiras. Eles apresentam-se devidamente vestidos, tais como os grandes cantores da música popular brasileira - Nelson Gonçalves, Inezita Barroso, entre outros. A receptividade desta atividade demonstrou como as referências identitárias da velhice não precisam necessariamente estar associadas à inatividade e passividade; ao contrário, a proposta convoca os participante ao regime de visibilidade, não importando que tenham acima de 70 anos, pois os participantes do projeto se exibem e apresentam seus talentos para ser observados e admirados, aproximando cada vez mais os regimes estéticos dos regimes existenciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das experiências relatadas foi possível considerar, dentre outros aspectos, que o acesso à cultura pode funcionar como importante elemento que possa contribuir na relação do sujeito com o não esquecimento de si, ou seja, com o cuidado de si. A apropriação dos espaços culturais da cidade e a ampliação das formas de se relacionar com a diversidade da produção cultural auxiliam o idoso no processo de permanente construção e apropriação de sua própria

história. Sendo assim, em muitas das atividades do estágio foi possível: 1) problematizar qual é o lugar dos idosos na cidade; 2) oferecer possibilidade de resistência e alternativas a uma tendência de isolamento das pessoas em processo de envelhecimento, muitas vezes limitadas involuntariamente a um convívio familiar restrito ou à solidão; 3) facilitar a emergência de processos de convivência intergeracional entre os estagiários dos cursos de Psicologia, o preceptor do serviço, o psicólogo, a supervisora da universidade e os idosos; 4) incentivar a participação ativa e criativa dos idosos no processo de planejamento, produção e avaliação das atividades propostas; 5) desconstruir a organização hierárquica na elaboração e produção das atividades, com a proposição de horizontalidade e transversalidades nos processos relacionais; 6) questionar algumas expectativas sociais e preconceitos relacionados à velhice segundo os quais, muitas vezes, esta fase da vida é vista como uma etapa de “preparação para a morte”. Sendo assim, foram pensados espaços que propiciaram a emergência de desejos e vitalidades por parte desta população.

Podemos afirmar que a presente proposta conseguiu oferecer espaços de produção de si ao convidar os aposentados para: o convívio mútuo e intergeracional; a apropriação dos dispositivos existentes na cidade; o engajamento em processos próprios de criação cultural e relacional. Tais resultados encontram-se em consonância com muitas das recentes discussões transdisciplinares sobre saúde, educação e produção de cultura. Amarante *et al* (2012), por exemplo, têm apontado o movimento pelo qual oficinas cada vez mais transbordam de espaços especializados para aqueles vinculados aos projetos culturais na cidade e extravasam da ênfase em uma terapêutica centrada na doença e cura para a valorização dos processos de criação e invenção de modos de vida. Tais práticas e investigações se conectam com a ideia de que “as atividades de arte e cultura no território, ao favorecerem transformações de padrões de convivência com a diferença, são também produtoras de fatos de cultura” (GALVANESE; NASCIMENTO; D’OLIVEIRA, 2013, p. 365).

É possível distinguir no mínimo dois possíveis desdobramentos desta proposta que articula saúde, educação, arte e cultura, tanto nos estagiários quanto nos aposentados. Quanto aos estagiários é possível afirmar que puderam exercitar o reconhecimento do território, identificando seus recursos materiais e culturais. Foi oferecido um espaço de formação no qual houve a ênfase no fato de que o cuidado entre sujeitos não precisa ocorrer em espaços fechados e previamente delimitados, mas que pode ocorrer no encontro com aquilo que a cidade disponibiliza e, principalmente, em relação com aquilo que se produz de desejo entre os atores envolvidos. Assim, na contracorrente de uma ciência de metodologia introspeccionista, que se pauta unicamente na busca de verdades no interior do sujeito, o estagiário foi convidado a colocar em prática uma psicologia social que considera o sujeito em sua relação dinâmica de laço social no território.

No que diz respeito aos aposentados, cabe aqui assinalar que eles não só puderam ter em mãos um desenho palpável e visível dos pontos culturais e turísticos da cidade, mas, mais do que isso, visitaram, ocuparam e usufruíram muito do que o seu território oferece. Há que se ressaltar que é no encontro com o outro nos espaços de convivência que os processos educativos e o cuidado em saúde pode e deve acontecer; deste modo, nos posicionamos afirmativamente frente ao fato de que os idosos e aposentados têm o direito de ocupar os espaços urbanos, cabendo levar em consideração este importante elemento nas intervenções com esta população. Foi proposta uma inversão nos regimes de visibilidade da cidade: a casa, o “lugar do velho”, lugar naturalizado, passou a ser questionado, apresentando-se como alternativa um conjunto de outros lugares e atividades de ocupação - ocupação das praças, usufruto dos espaços de cultura, como museus, pinacotecas, praias, cinemas e universidades. Assim, foi realizada uma sutil, mas não menos importante, interferência nos espaços de

coexistência na cidade, permitindo avançar em estratégias que possam produzir educação e saúde nos territórios, quiçá criando dispositivos que possam ofertar experiências articuladas a modos de intervenção na cidade e modos de transformação de territórios.

Rancière (2010) é um dos autores que nos inspiram em nossa prática, pois para este filósofo da estética, a arte é política enquanto age modificando a paisagem da vida coletiva, no sentido de restaurar uma forma de convivência social e inventar regimes de visibilidade. Em relação aos sujeitos com os quais trabalhamos, a proposta de visibilidade seguiu trilha semelhante: procurou contrapor-se ao pensamento hegemônico no qual é reservado um lugar de isolamento para a velhice, de preferência em suas casas ou instituições totais. Ao contrário disso, e a partir do que foi aqui exposto, o lugar da velhice mostrou-se ser aquele de exercitar o seu direito à cidade.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, P. *et al.* Da arteterapia nos serviços aos projetos culturais na cidade: a expansão dos projetos artístico-culturais da saúde mental no território. In: AMARANTE, P.; NOCAM, F. (org.). *Saúde mental e arte: práticas, saberes e debates*. São Paulo: Zagodoni, 2012, p. 23-38.

BEAUVOIR, S. *A Velhice*. São Paulo: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, E. Memória e Socialização. In: BOSI, E. *Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GALVANESE, A. T. C. *et al.* A produção de acesso da população idosa ao território da cultura: uma experiência de Terapia Ocupacional num museu de arte. *Cadernos de Terapia Ocupacional*. UFSCar, São Carlos, v. 22, n. 1, p. 129-135, 2014.

GALVANESE, A. T.; NASCIMENTO, A. F.; D'OLIVEIRA, A. F. Arte, cultura e cuidado no Centro de Atenção Psicossocial. *Revista de Saúde Pública*, v.47, n.2, p. 360-367, 2013.

GOLDENBERG, M. *A bela velhice*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

HACK, L.; RANIERE, E.; MARASCHIN, C. Entrevistarte: experiência, arte e contemporaneidade. *Polis e Psique*, v.3, n.2, p. 113-131, 2013.

IMBRIZI, J. M. A arte como fato da cultura: a produção de tecnologias afirmativas, criativas e participativas no cuidado entre sujeitos. *Projeto de estágio apresentado à comissão do curso de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista*, 2014.

LEMES, J.A.; SANTOS, J.L.; NAGAISHI, K. Y. Livro das Narrativas das Histórias de Vida dos Aposentados do Sindserv. *Atividade desenvolvida pelos estagiários do quarto ano de Psicologia no ano de 2014*.

RANCIÈRE, J. Política da arte. Trad. M. S. Costa Netto. *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*, v.1, n.15, p. 45-59, 2010.

ROSA, M. D. Psicanálise implicada: vicissitudes das práticas clínicopolíticas. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Appoa)*. n. 41, p. 29-40, 2012.

SILVA, H.; JUNQUEIRA, P. Reflexões e narrativas (auto) biográficas sobre as relações intergeracionais: resultados de uma intervenção socioeducativa com mulheres idosas. *Revista Psicologia & Sociedade*. vol. 25, n. 3, p. 559-570, 2013.

ZANGRANDO, J.; PEREIRA, G. V. Grupo “Projetos de Vida”. *Projeto elaborado pelos estagiários do quinto do ano de Psicologia no ano de 2015*.



Recebido para publicação em março de 2016

Aprovado para publicação em abril de 2016